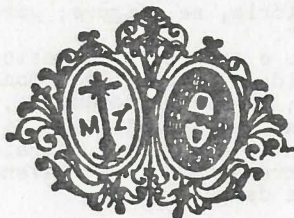


BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL

||

A VERDADE É SÓ UMA!



Um dos graves aspectos da crise que atravessamos é estar o Homem cada vez mais afectado na sua integridade espiritual e moral. Longo período de negações, apostasias e revoltas fez-lhe perder aquela harmonia interior que lhe permitiu, em lances decisivos da História, opor firme resistência a todos os assaltos e encontrar as forças necessárias para todas as recuperações. Aspira-se a construir de novo um mundo baseado nas grandes normas da Ética e da Justiça? Não se vê como seja possível enquanto nas consciências e nas inteligências reinarem a incerteza de rumos, a dúvida angustiada, o temor incessante que caracterizam a maioria dos nossos contemporâneos e dificultam qualquer empreendimento restaurador.

A crise -tem sido dito e redito- está no Homem, no íntimo do próprio homem, na sua inaptidão para se orientar entre os desconcertos de uma vida sem bússula, na sua fragilidade ante as ciladas que o rodeiam, na mórbida anarquia em que se consome, desligado das raízes e das disciplinas fundamentais. Como resistirá, pois, a uma atmosfera cheia de confusões e deturpações, de sofismas grosseiros, de equívocos perigosos, de ilogismos flagrantes? Como será capaz de ousar uma tentativa para que se não perca mais do que já foi perdido e se salve o que pode ainda ser salvo?

A maioria dos nossos contemporâneos prefere, no entanto, o ceticismo, a rebeldia, o capricho, a aventura, à serena e pacificadora aceitação da Verdade. Mas, a VERDADE é só uma; a Mentira, ao contrário pode assumir as mais subtis e desvairadas formas! Láf que reconhecer e seguir a Verdade, na esplendor da sua trajectória, se afigure, para uma larga caminhada como uma "posição ultrapassada".

A todos os que, de coração recto e propósitos honestos, se empenham, ainda, com vontade firme e esclarecida, na busca dos bons caminhos, inspiram dó, se não mesmo, forte repulsa, os que teimosamente, persistentemente, se desarticulam em mil acobracias de espírito com a ilusão de se pretenderem manter autónomos e independentes -ou os que, atraídos pelos falsos prestígios da insurreição e da extravagância, se pretendem creditar, apenas, pelo que recusam ou pelo que desrespeitam.

Nessa conduta louca e insana, que é de sua natureza movediça e inconsistente, se apoia em grande parte o estendal de histérico desvairamento da hora que passa, onde sobressai a ignorância de uns tantos, a puerilidade de muitos outros e a dramática pusilanizidade de um bom-número...

Desgraçadamente, continua a haver os que persistem em agravá-la ainda mais, em atear ódios, em acender novos restilhos -e que, depois, se revolvem com deleitada histeria na sua obra satânica, pavoneando-se em insinuantes expressões de narcisismo caricato, de excentricidade premeditada, de cinismo artificioso.

Até mesmo aqui, neste meio tão simples e limpo que era dantes a nossa terra de Sardoal, já assenta arraiais, faz estragos profundos, corroi a vida pacata das populações, fomenta disputas, lança ódios, espalha erros, sopra vinganças torpes.

Mas a VERDADE continuará a ser sempre uma só -queiram ou não os que a fingem ignorar, a temem, a falsificam, ou deliberadamente a repudiam, seduzidos pelas mentiras de cada hora -consciências demasiado "elásticas", prontas a engendrar explicações para todos os erros e absolvições para todos os delitos...

Importará, acima de tudo, defendê-la -ainda que se corra alguma vez o risco de ficar só!

Paráfrase livre de um
texto do Dr. João Ameal

• Armando Tavares —

...esta palavra AMIZADE

...deveria circular mais nas intenções e nos gestos de cada um de nós, do que nas folhas dos dicionários, ou em qualquer boca, sem a menor carga de afectividade.

O que é um homem sem a amizade de outro homem, sem a franqueza dum braço que se estende, dumã mão que se aperta, dumã palavra amiga ou dum sorriso franco num momento exacto?

Nada mais agradável do que viver de coração permeável à amizade dos outros.

Viver em amizade é colocar as nossas possibilidades de coração e de acção ao serviço dos nossos irmãos, na hora certa e na actividade correcta.

É verdade que não é fácil a qualquer pessoa poder dar-se em solidariedade, em compreensão, em aceitação de interesses e vontades alheias.

Na dificuldade, porém, é que reside o mérito. Quanto mais complicada se torna a realização dumã tarefa consciente e livremente escolhida, maior alegria proporciona a efectivação da mesma. Alegria feita, em certos casos, de sacrifícios e renúncias mas, por isso mesmo, mais transparente e conseguida.

Ser amigo não é apenas repartir em maior ou menor quantidade os bens materiais ou espirituais que possui. É antes e muito principalmente ter a humildade suficiente para reconhecer o valor dos outros, respeitar as suas acções, as suas intenções, as suas ideias, quaisquer que elas sejam.

Para tal é necessário abdicar de muito egoísmo natural e de muitas outras solicitações de que o mundo é pródigo!

José Alvaro Vidal

Auxilie a Santa Casa da Misericórdia!

...do SARDOAL NATAL

INVASÕES FRANCESAS I

Quando, ao cair da tarde, nesse já longínquo dia 23 Novembro de 1807 a vanguarda dos exércitos napoleónicos alcançou as primeiras casas do Sardeal dir-se-ia, à primeira vista, que tinha desembarcado na Vila uma horda de farruquilha e andrajosos, evadidos, talvez, de qualquer colónia penal e que, acossados pela fome, invadissem os povoados em voraz e sófrega rapinagem.

Não obstante, porém, constituíam (embora de maneira tão grosseira e desajeitada) uma ponta-de-lança dos terços de Junot, que se adiantara em exploração do terreno, até que o grosso das tropas pudesse ter garantias para avançar com mais segurança.

Não será, aqui e agora, altura adequada para falar do miserável acto de pirataria internacional que foi a invasão do nosso país, praticada pela França -go vernada, então, por Napoleão Bonaparte, um cabo-de-guerra que se julgava um "génio", um "iluminado" (e cujo prestígio tem sido aureolado, quase sempre, pelos cronistas franceses sob bajuladoras mistificações, para dar lustre e grandeza a algumas páginas da História da França), mas que não passava, afinal, de um megalómano dementado, com manifestações paranoicas, centradas quase e só numa sede imensurável de conquista e de domínio territorial, sem o mínimo respeito por tratados ou convênções, menos ainda por pactos ou acordos, celebrados entre a França e outros Estados europeus.

Prefigurava, à distância de cento e tantos anos, uma outra figura sinistra e hedionda, que iria dar pelo nome de Adolph Hitler e que, quase paredes-meias, na Alemanha dos anos 30/40, dementado, igualmente, por uma histérica e destrambelhada ânsia de expansionismo territorial, ele também, haveria de querer arrebatar e fundir, num só bloco, todas as nações da Europa, sob as suas garras de ditador uno e supremo!

A História traz-nos, de tempos a tempos, e desgraçadamente, destes homens-monstros, sub-produtos da espécie humana, que mais se diriam abortos vivos, que a Natureza deixou escapar com vida devido a lapso das leis biológicas. Por fatalidade inexplicável, os circunstancialismos e acasos do destino já têm empurrado, por vezes, alguns deles para a luz da ribalta, em lugares de comandância política. E, então, é certo e sabido que logo um largo sulco se abre, negro e medonho, na vida desses povos, com sofrimentos atrozes, perseguições hediondas, massacres de crueldade inaudita -a deixarem marcas tão pungentes e arrepiantes que, ainda por muitos e largos tempos, se irão repercutir bem dolorosamente sobre as gerações vindouras, marcando-as com estigmas e traumas de muito difícil cicatrização!

Deixando de lado, porém, essas considerações que vieram ao de cima, tão-somente, como mero e simples comentário ocasional, retorna-se ao tema-base desta pequena crónica evocativa da História local.

Referia-se, pois, que as vanguardas francesas da 1ª Invasão haviam alcançado o Sardeal naquele fim de tarde de 23 Novembro de 1807. O grosso do exército, que entraria pouco depois, apresentava um aspecto sabujo e degradante, pois as tropas vinham com os uniformes esfarrapados, pingando lama e lodo (de há dias que chovia ininterruptamente) e grande parte dos soldados, que caminhavam descalços ou com os pés entroxados em trapos velhos, vinham doentes e esfomeados. Dizem alguns historiadores que, das pesadas botas de campanha, rudemente postas à prova por esses cerros e matagais em fora, apenas restava o esqueleto -e, somente, em poucos casos!

Nos dias anteriores haviam feito caminho por Amêndoa e Cardigos, onde roubaram tudo o que era comestível, bem como os valores pessoais dos seus habitantes. Cortado de seguida a Vila de Rei (onde causaram, também, grandes estragos e delapidações) flectiram, sem demora, na direcção sul. Bivacaram na Matagosa, cuja população maltrataram, praticando desacatos e actos de banditismo e selvajaria. Uma tradição refere que, nessa aldeia, os invasores desconfiaram que os naturais lhes teriam armado ciladas e emboscadas, e daí se terem vingado barbaramente sobre a população indefesa.

(Continua na pág. seguinte)

Um olhar para o ALTO!

SENHOR:

Ensina-nos a amar-nos uns aos outros,
a não nos contentarmos com amar os nossos
ou aqueles que nos amam,
mas a amar, antes de mais,
os que não são amados.

Senhor, fazel-nos sofrer com a dor alheia.
Dai-nos, Senhor, a graça de compreender
que em cada minuto da nossa vida

da nossa vida feliz e protegida por Vós,
há milhões de seres humanos
que são vossos filhos,
que são nossos irmãos,
e que morrem de fome
sem terem merecido morrer de fome,
e que morrem de frio
sem terem merecido morrer de frio...

Senhor, tende piedade de todos os pobres do mundo,

e perdoai-nos por os ter abandonado
tanto tempo...

Não permitais, Senhor, que sejamos felizes
sozinhos.

Dai-nos a angústia da miséria universal,
e libertai-nos de nós mesmos.

RAUL FOLLEREAU



NA MÃO DE DEUS

Durante o primeiro semestre deste ano de 1984 foi Deus servido chamar à Sua presença os nossos bons Azigos e Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Sardeal:

Alvaro Pereira
Hermínio Mendonça
Manuel Lopes Alpalhão.

Há muitos e largos anos que todos eles estavam vinculados à nossa Instituição, que serviram dedicadamente, cada um em seu campo específico de actividade.

A larga acção benemerente e generosa de qualquer desses Sardealenses, agora desaparecidos, desenvolvida a favor da Misericórdia, pôde ajudá-la grandemente a socorrer inúmeros casos de necessidades e carências, dos muitos que sempre (e cada vez mais) vêm batendo a esta porta de Caridade, em horas de angustiante desespero -quantas vezes, mesmo, de FOME!

Para aqueles dedicados Irmãos, nossos conterrâneos, que dormem agora o sono da paz, pedimos as orações de todos os leitores.

Entretanto, e em data a anunciar oportunamente, a Santa Casa da Misericórdia mandará celebrar, também, uma missa em sufrágio pelos falecidos.

...do SARDOAL RATO

(Continuação da pág 3)

Essas notícias, chegando com rapidez ao Sardeal, talvez por espias que seguissem a distância os movimentos do inimigo causaram, como é natural, grande terror e ansiedade.

E, enquanto os franceses iniciavam a caminhada rumo a esta Vila, a população escondia, o melhor que era possível, as jóias e todos os objectos de valor, quer enterrando-os nos campos, fora de portas, dentro de vasilhas de ferro ou de cobre, quer dissimulando-os em sebes e valados -quando não servindo-se de mil outros subterfúgios e artimanhas de camuflagem e dissimulação. Sabia-se, já, que era temerário soterrar esses valores em quintais e propriedades dentro das povoações, pois os franceses, sempre que viam terra mexida de fregco, refocilavam-na em todos os sentidos, por desconfiarem que tinham riquezas escondidas.

Logo a seguir, grande parte da população abandonou a Vila, para se ir refugiar no lugar do Medonho (que era, nesse tempo, uma larga e densa floresta de difícil penetração), bem como nos pinhais dos Beirins, a sudoeste de S. Simão, onde havia, também, extensos matagais.

Quando, no dia seguinte, as primeiras colunas aqui chegaram, haveriam de deparar com uma terra quase desabitada, onde apenas lhes apareciam anciãos, e trópegos ou incapacitados. As raras mulheres que se viam ou eram velhas, ou feias! Também eram muito poucos os elementos da vida oficial corrente: -do êxodo da população poucos mais do que o pároco, os médicos e o farmacêutico, os doentes do Hospital da Misericórdia (para onde tinham sido levados, à pressa, alguns de casas particulares, em estado mais grave), os Mesários da Santa Casa (que não quiseram abandonar a Instituição), bem como os enfermeiros, alguns empregados e o capelão. Por curiosidade, acrescenta-se que as empregadas do Hospital, até à meia-idade, tinham sido mandadas sair com a população, bem como as doentes jovens que se não encontrassem em perigo de vida!

Em complemento, ainda, dessas disposições, todas as outras mulheres que, por um ou por outro motivo de força maior tiveram que ficar na terra, foram aconselhadas a usarem, unicamente, vestidos velhos, nomeadamente rotos e esfriados. Também se lhes sugeriu que apresentassem sempre todo o aspecto sujo e desmazelado que lhes fosse possível! Só que, mesmo assim, isso não obteve totalmente a que não houvesse casos de violações por parte da canalha francesa. Mas, os Sardealenses, apesar de "gente boa e de brandos costumes" não deixaram em branco essa afronta. Na verdade, desses franceses prevaricadores, os que, depois, puderam ser identificados (de entre a guarnição que aqui ficou uns tempos), não mais voltaram a receber soldo. Mais: a população não os quis enterrados no cemitério da terra. As suas campas ficaram improvisadas nos fundos da Ribeira do Cadavai, já fora de portas, até que as enxurradas do Inverno as não deslocaram Tejo abaixo.

Continua

AOS NOSSOS LEITORES

O nosso "Boletim" continua saindo com atraso sensível, não obstante toda a diligência e empenhamento desenvolvidos para obstar a esse inconveniente.

Estamos crentes, no entanto, que essas dificuldades possam ser removidas em breve e a situação se venha a normalizar devidamente.

MISERICÓRDIAS

*

QUEIXA CONTRA O GOVERNO

O Governo vai estar envolvido em processos de despejo movidos em tribunal pelas misericórdias, que acusam o executivo de faltar ao pagamento de várias rendas e indemnizações devidas a edifícios da propriedade daquelas, e nos quais funcionam, sobretudo, hospitais, sabendo-se, ainda, que tentam apresentar queixa nas instâncias internacionais, visando o Ministério da Saúde.

A questão iniciou-se após o 25 de Abril de 1974, com a oficialização dos serviços de Saúde do País, os quais pertenciam, na sua maioria, àquelas instituições.

Segundo as declarações de uma responsável da União das Misericórdias, apenas em 1980 foi revogada a disposição que obrigava à cedência gratuita das instalações hospitalares, pelo que o Ministério das Finanças foi autorizado a dispor das verbas correspondentes para reparar os prejuízos causados. A partir de então, o Governo vigente e cada Misericórdia assinaram contratos de arrendamento e protocolos de indemnização, tendo-se iniciado os pagamentos.

Só que as rendas não foram totalmente liquidadas, bem como as indemnizações, sendo o órgão de soberania em causa acusado de impedir o planeamento das actividades das misericórdias e de nem lhes dar resposta sobre o caso.

Saliente-se, que, em 1983, as misericórdias assistiam cerca de onze mil idosos e mais de 14 mil crianças, exceptuando a Misericórdia de Lisboa, a qual actua autonomamente.

FESTAS da MISERICORDIA

De novo se realizaram, neste mês de Setembro, as festas de Santa Maria da Caridade, fortemente implantadas, desde há largas dezenas de anos, na tradição popular sardealense.

Desta vez, foram levadas à prática por um dedicado núcleo de Irmãos que expressamente se agruparam para o efeito, tendo libertado, assim, a Mesa Administrativa da Misericórdia, assobardada com problemas de carácter urgente, desse encargo que exige, sempre, grandes esforços e dedicações, bem como largo dispêndio de tempo.

As festividades atingiram um brilho espectacular e foram, mesmo, das mais importantes em toda a região.

O saldo obtido veio dar grande ajuda à manutenção de todas as obras de assistência que a Santa Casa mantém em actividade.

Não poderia deixar-se, por isso, sem o devido realce público, essa tão prestimosa e dedicada colaboração.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia - SARDOAL
Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardeal - 2230 SARDOAL

4 N.ºs 14/15 Setembro/Octubre de 1984 (Distribuição gratuita)

Publicação mensal